

BATALHA PAULISTA

Sucessão de Montoro já tem seis concorrentes.

Acelerada pelo resultado da eleição para prefeito da capital, a secessão no governo de São Paulo ganhou as ruas, na semana passada, sob o impacto de um rompimento explosivo e inevitável. O vice-governador Orestes Quércia, que desde a posse, em 1983, se debatia numa guerra surda com o governador Franco Montoro, rompeu publicamente com o seu companheiro na terça-feira passada – e, nessa nova condição, apressou-se em lançar sua candidatura ao Palácio dos Bandeirantes na eleição do próximo ano. “Não sou candidato de Montoro, mas do partido”, diz Quércia. “Não participo de sua administração e costumo trabalhar na Frente Municipalista”, alega. Ao abalo provocado pelo vice-governador, seguiram-se mais dois tremores no PMDB paulista. Na mesma terça-feira, o prefeito de São Paulo, Mário Covas, também se anunciou candidato a governador e, irreduzível, descartou qualquer composição com Quércia. No dia seguinte, o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, apresentou-se para a corrida brandindo uma ameaça. Se o PMDB negar-lhe a legenda, ele trocará de partido. Ou seja, poderá ir para o PDT do governador Leonel Brizola.

A secessão de Montoro evoluiu igualmente nos partidos adversários. Nesse território, o ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, e o deputado Paulo Maluf fincaram estacas numa pista ainda repleta de obstáculos. Setúbal, que será sagrado candidato pelo PFL, começou a montar sua estratégia a partir de três vertentes de apoio. Ele acha que concentrará todos os votos conservadores e crê que atrairá as facções do PMDB insatisfeitas com o resultado da convenção que escolherá o candidato do partido. Setúbal espera, sobretudo, que o engajamento de Jânio Quadros em sua campanha lhe traga votos de outros redutos tradicionais dos peemedebistas. Maluf, por sua vez, continuou azeitando sua candidatura pelo PDS com uma paciente busca de alianças no interior. Até o final da semana, ele já visitara 300 cidades e, a partir desta semana, sua campanha ganhará o reforço do ex-secretário particular do presidente João Figueiredo, Heitor Ferreira, que vem a São Paulo com a incumbência de estabelecer uma ponte entre Maluf e Jânio.

SUPLICY DA DIREITA – “A campanha vai ser uma briga de foice”, prevê Setúbal. Sem resistência à sua candidatura no PFL, ele está à vontade para jogar todas as fichas na campanha de 1986. Recentemente, o ministro confidenciou que, se conquistar o governo de São Paulo, poderá disputar a Presidência da República já em 1988 – o que, admite, o colocaria em rota de colisão com Jânio Quadros. Se perder, entretanto, abandonará a política. Na semana passada, Setúbal recebeu do ex-ministro Delfim Netto um recado que continha um conselho e uma advertência. Delfim sugeriu-lhe aproximar-se de Maluf para tentar um acordo e mostrou-lhe que, por navegar nas mesmas águas conservadoras, o deputado pode tornar-se, na eleição de 1986, o Suplicy do PFL – repetindo, com sinais ideológicos trocados, a façanha do candidato do PT à prefeitura paulistana, depurado Eduardo Suplicy, que abocanhara os votos necessários à vitória do peemedebista. Fernando Henrique Cardoso.

Por enquanto, porém, a briga de foice se passa mesmo é no PMDB. Não há perspectiva de acordo entre os postulantes que se lançaram à disputa e pelo menos dois deles

ameaçam mudar-se para outra legenda, caso percam na convenção. Quércia, escorado na maioria dos diretórios do PMDB no interior, acredita que será acompanhado por suas bases, se decidir concorrer por outro partido. Pazzianotto, convicto de que sua popularidade e o bom trânsito que desfruta entre os sindicatos bastam para fazê-lo governador, flerta discretamente com o PDT. “Candidatos não devem ser oficializados sem saber o que pensa deles a população”, argumenta o ministro. “As eleições nas capitais mostraram que passou o tempo em que bastava ser candidato do PMDB para ter a vitória assegurada”.

Ferido pela derrota do senador Fernando Henrique Cardoso, o governador Franco Montoro perdeu o poder de influir decisivamente na escolha de seu sucessor e, nos últimos dias, limitou-se a pôr gás no balão do ministro Pazzianotto, seu candidato para 1986. Em compensação, Pazzianotto foi o único dos atuais pretendentes a exibir publicamente a condição de candidato do governador. “Jamais negaria minha amizade e meu apoio a Montoro”, justifica. “Seu governo só deixa a desejar um pouco no aspecto social”. Mário Covas, que alimentou seu sonho de chegar ao Palácio dos Bandeirantes sob as bênçãos do próprio Montoro, também proclamou sua independência em relação ao governo estadual. E Quércia, de relações cortadas, tem procurado tirar proveito em dobro da fragilidade política dos habitantes do palácio.

Na semana passada, o vice-governador rechaçou a bandeira branca que lhe acenava o secretário estadual de Planejamento, José Serra – entregue a uma costura para viabilizar sua candidatura, como tertius in medio à briga peemedebista –, por discordar das condições propostas para uma eventual composição com a ala palaciana após a disputa na convenção. O grupo do secretário queria indicar o companheiro de chapa de Quércia e, de quebra, exigia garantias de sua preservação no comando da área econômica, caso o vice-governador venha a suceder a Montoro. Quércia achou que o preço era alto demais.

Crédito: Revista Veja/Editora Abril

Fonte: Revista *Veja*, edição 899, 27 dez. 1985, p.46